

REVISTA

JAN 97 N. 1



Libri CO

**Entrevista com
Manuel Viegas Guerreiro**

**Xanana Gusmão:
poemas inéditos**

**Erotismo no antigo Egipto:
Luís Manuel de Araújo**

*Este mundo é um vale de lágrimas,
Nós andamos enganados
Este mundo não é nosso,
São dois dias emprestados.*

Colibri – Podemos considerar que o seu objecto de estudo central é o homem nas suas mais variadas facetas?

Viegas Guerreiro – Nasci na freguesia de Querença do concelho de Loulé e no sítio do Barrosal, junto ao Serro da Corte. Minha origem camponesa cedo me pôs em contacto com homens de saber e de talento, embora iletrados, e foi um deles o meu tio e padrinho Francisco Martins Farias, com quem muito lidei. No Liceu de Faro passei à informação dos livros e verifiquei que, sendo, em grande parte outra, não excedia, em qualidade, a que eu trazia dos meus sítios e que valia a pena recolhê-la e passá-la a es-

crito. E aí estou eu, aos quinze anos, a recolher a sabedoria de meu tio que era um notável poeta. Foi com alguma dificuldade que o fiz, porque a minha tia Rita achava que era perder tempo (ele era analfabeto) a escrever tolices e baboseiras (as baboseiras eram versos pensadamente malignos, que também os compunha). Inventámos, então, trabalhos no campo. Íamos à rama. Um tinteiro e uma caneta daquelas de aparo móvel numa «gorpelha» e lá íamos para o Barrosal da Lagoinha. Aí, em cima de uma pedra, vá de escrever o que me ditava, uma imensa quantidade de versos. Aprendia a admirar a ciência e o talento do homem vulgar, do

homem do povo com quem lidava familiarmente:

*Este mundo é um vale de
lágrimas,
Nós andamos enganados
Este mundo não é nosso,
São dois dias emprestados.*

A este profundo sentido da vida o abominável espectáculo da natureza que o sol alumia pelo poder de Deus. Objectividade, virtude pelo poder da ciência:

*Admira-me o brilhante Sol
Que deita tanto arder,
Anda no ar sem cair
Tal é o poder do Senhor.*

E nem da injustiça social se alheia, olhos para ela bem abertos:

*A vida do homem pobre
É trabalhar até morrer
Se lhe Deus não dá o céu
Mais valia não nascer.*

E cada uma destas quadras se desenvolve em quatro décimas, que dão a perfeita dimensão do poeta e do cidadão.

E até inventou um sis-

tema de escrita, umas riscas para seu uso.

No tempo das uvas, dormíamos, às vezes, ao ar livre, a guardá-las. Em vez de dormirmos, falávamos. Eu perguntava, ele respondia. Ia-me ensinando o nome das estrelas, das constelações e sua sucessão no relógio do céu. Tudo ciência de que estão alheios os sábios senhores das urbes.

O Professor Orlando Ribeiro, que foi meu colega na Faculdade de Letras de Lisboa, deu pelas minhas curiosidades e levou-me a

casa do Dr. Leite de Vasconcellos. Iamos lá uma vez por semana, a ajudá-lo. Ele nisso mais adiantado, eu, a princípio, distribuindo fichas por caixas alfabéticas. Desse convívio nasceu amizade e o meu definitivo gosto pela Etnografia, que Orlando também meteu na Geografia.

Rodou o tempo e o Prof. Jorge Dias fez-me seu assistente numa

missão de estudo em Moçambique. Fui, com a convicção de me deixarem, só, em Angola para estudar os Bochimanes. Em M o ç a m b i q u e couberam-me, na monografia do povo maconde, sabedoria, língua, literatura e jogos. Em Angola, ocupei-me de Bochimanes, de que me saiu um volumoso tomo.

*Admira-me o brilhante Sol
Que deita tanto arder,
Anda no ar sem cair
Tal é o poder do Senhor.*



Histórias Lindas, Lindas

Era uma mulher sem filhos e que grande desgraça essa para o viver dos povos bantos. Nkatapele procurou um feiticeiro que lhe moldou uma boneca de barro. Metida numa panela desta saiu, ao cabo de oito dias, uma linda rapariga. Mas cuidado, que se lhe chovesse em cima, se derreteria. As moças desafiavam-na para saltar a corda, nos caminhos, e ela lá ia, sempre espreitando o céu, não fosse chover.

Mas tanto se atreveu que um dia a chuva a molhou e a derreteu. Ficou um monte de barro. Praguejava a mãe contra as companheiras que lhe tinham matado a filha. Estas olhavam, perplexas, o monte de barro. A mãe chorava convulsivamente, mas com o tempo também a mãe deixou de chorar.

Foi um viver feliz esse de África. Que fraterno convívio, que lições de vida me deram, que maravilhosas histórias lhes ouvi. Ora oiçam e resumidamente esta de Macondes, a História de Nkatapele.

Era uma mulher sem filhos e que grande desgraça essa para o viver dos povos bantos. Nkatapele procurou um feiticeiro que lhe molhou uma boneca de barro. Metida numa panela desta saiu, ao cabo de oito dias, uma linda rapariga. Mas cuidado, que se lhe chovesse em cima, se derreteria. As moças desafiavam-na para

saltar a corda, nos caminhos, e ela lá ia, sempre espreitando o céu, não fosse chover. Mas tanto se atreveu que um dia a chuva a molhou e a derreteu. Ficou um monte de barro. Praguejava a mãe contra as companheiras que lhe tinham matado a filha. Estas olhavam, perplexas, o monte de barro. A mãe chorava convulsivamente, mas com o tempo também a mãe deixou de chorar.

Colibri – Acha que poderá definir os critérios que caracterizam uma cultura?

Viegas Guerreiro – Bem, é difícil definir o que é específico numa

cultura. Há que separar o que é próprio do que é alheio e ainda o que é universal do que é específico. Não sei definir, com alguma segurança, a nossa identidade cultural, mas o que lhe posso assegurar é que não devemos recear a perda da nossa identidade neste caminhar para a Europa. Uma cultura não se descharacteriza assim, evoluciona, toma em parte novas formas, mas mantém sempre sua fisionomia de base, é sempre ela própria.

Colibri – Um dos artigos do seu livro *Povo*,

Principais publicações:

Contos Populares Portugueses (1957); *Adivinhas Portuguesas* (1957); *Rudimentos de Língua Maconde* (1963); *Os Macondes de Moçambique: Sabedoria, Língua, Literatura e Jogos* (1966); *Bochimanos de Angola*, tese de doutoramento (1968); *Carta de Pêro Vaz de Caminha (estudo, actualização do texto e notas)* (1974); *Guia de Recolha de Literatura Popular* (1976); *Para a História da Literatura Popular Portuguesa* (1978); *Pitões das Júnias (monografia etnográfica)* (1981); *Temas de antropologia em Oliveira Martins* (1986); *A Carta de Pêro Vaz de Caminha lida por um Etnógrafo* (1992); *A Carta de Colombo sobre o Achamento das Antilhas* (1992); *Leite de Vasconcellos e a Ciência Etnográfica em Portugal* (1992); *Colombo e Portugal* (1994).

*A vida do homem pobre
É trabalhar até morrer
Se Ihe Deus não dá o céu
Mais valia não nascer.*

povos e culturas que se intitula «O papel da antropologia social na execução de programas de desenvolvimento rural» é devido à pertinência deste tópico no actual contexto europeu?

Viegas Guerreiro – O contexto é outro, mas

chamemo-lo um pouco a matéria actual em grande discussão – a regionalização, e aí tem uma necessária presença, a antropologia social em problemas de desenvolvimento. Não posso entrar em pormenores de explicação, mas puxa-me a língua a emitir ao de leve o

que penso a respeito de regionalização, da nossa regionalização.

Acho-a, em princípio, defensável, parece-me, no entanto, de difícil execução. Trabalho moroso, que requer se busque activa colaboração de geógrafos, sociólogos, economistas, políticos. Em suma, matéria para muita ponderação, mas nunca para se enjeitar.

Homenagem a Manuel Viegas Guerreiro

Agostinho da Silva: Sem dúvida nos curvamos perante a maravilha dos que nasceram e se cumpriram sábios, artistas ou o que chamamos de pensadores, como se não pensassem os restantes. Mais alto porém, poria eu a categoria dos que, para além do fazer, são a plenitude da realização humana, e aos quais sem o socorro do lendário, denominaria santos – pela modéstia em que vivem, pela coragem de tranquilos afrontarem tudo o que aparecer como opressor e destruidor do melhor, pela inteira dedicação ao bem dos outros, sem que, no entanto, deixem de trilhar o caminho que à Verdade pode conduzir e são Poetas da Vida além de edificadores de uma Obra. E é aí que eu colocaria Viegas Guerreiro cuja afirmação como Homem e Irmão dos Homens brilhará para todos nós mais forte que o seu talento criador, de seu saber de antropólogo, de seu gosto da literatura do Povo, de seu exemplo de Mestre. Tê-lo conhecido e poder frequentá-lo como Amigo ponho eu como do melhor de minha vida e oxalá me fosse dado que pela dele se modelasse a minha: mas já em poder e saber admirá-la à sua me considero feliz.